

## O Mestre Camafeu de Oxóssi

Editor Revista Realidade



**Mestre Camafeu e o escritor Jorge Amado**

Do fundo do corredor vem o alarido de vozes femininas. As meninas-môças de um ginásio público festejam o fim do ano letivo. Sob a placa do bar Ponto Certo, a lourinha de cabelos curtos puxa uma música. De repente, cessam os gritos e os risos, o côro engrossa, alguém faz batucada num pedaço de madeira:

„Felicidade, / Passei no vestibular, / Mas a faculdade / É particular, / Particular, / Ela é particular...”

- Cadê Camafeu de Oxóssi?

O gordo Valdemar Bôca-do-Mundo, assim chamado por não ter papas na língua, abandona por alguns instantes sua barraca, aponta para o fundo do corredor e diz com segurança e riso moleque:

- Vale duas garrafas de cerveja que êle está naquela folia.

Quem entra não vê o grupo, ouve apenas o canto, que se eleva afinado sôbre as fileiras de pequenas lojas, cada uma com um pouco mais de 1 metro de profundidade por 2 de largura. Como que por milagre, em cada boxe se comprime uma infinidade de artigos: berimbaus e atabaques, colares e pulseiras de todos os tipos e côres, velhas e desbotadas imagens de santos, cestas e bôlsas e chapéus de fibras, balangandãs de prata e de lata barata, figuras de ferro e de barro, apetrechos para os ritos do candomblé, longos terços de contas de madeira, bonecas vestidas de baiana, mil miudezas, que se amontoam e se equilibram pelos balcões, pelas prateleiras, pelas paredes, pelas

ripas de madeira cheias de ganchos. Tôda a riqueza do folclore, da religião e dos costumes do povo da Bahia está aqui neste pequeno e abafado território: o Mercado Popular de Salvador, sucessor do sempre lembrado Mercado Modêlo, que o fogo devorou no ano passado.

- Camafeu? Deve estar lá nos fundos.

Na última fileira de boxes, onde se agitam as colegiais, ficam os bares e seus encantos: a pinga famosa de Santo Amaro, as batidas de pitanga, maracujá, limão e côco, as lambretas – um marisco para ser comido com mólho especial, um pouco apimentado, que „esquenta por dentro“.

É mesmo lá do fundo que vem Camafeu de Oxóssi, o rosto e os braços negros contrastando com a roupa muito branca: calça e blusão de linho irrepreensivelmente engomados e passados. No bôlso do blusão, dois companheiros inseparáveis: o maço de cigarros de filtro e a caneta esferográfica, para anotar recados, fazer contas. Desta vez não está de chinelos, como de hábito, e sim de sapatos. Aninha, morena bem queimada, mocinha casadoira, surpreende-se com tanta elegância:

- Seu Camafeu, o senhor está tão grã-fino!

O negro sorri com o elogio inesperado, inocente. Tem 54 anos, Aninha só dezessete, podia até ser sua neta.

- Pois é, minha filha. Hoje fui à Igreja do Senhor do Bonfim ver meu São Jorge, guerreiro de batalha.

A seu lado está um casal de professores de São Paulo, com os quais percorreu os estreitos corredores do Mercado, explicando-lhes o significado das coisas que saltam das barracas, atravancam a passagem.

Camafeu de Oxóssi leva os visitantes até o boxe número 7, sua casa de negócios, consagrada a seu protetor: Barraca São Jorge. O casal veio atraído por sua fama, que se espalhou pela Bahia e chegou ao sul nas reportagens de jornais e revistas, nos comentários dos turistas, nas lembranças dos muitos amigos de Jorge Amado. Camafeu de Oxóssi: o rei do berimbau, um dos grandes compositores da Bahia, o mestre da capoeira, o senhor dos mistérios do candomblé, o homem que conversa em ioruba, o idioma nagô, com seus irmãos da África.

Naquele instante, diante do casal de professores está outro Camafeu, o pequeno comerciante que não sabe aproveitar a fama em benefício de seus negócios e que, nos momentos de cisma, desaba num misto de orgulho e desalento.

Imagem Disponível em

<http://ilustresdabahia.blogspot.com/2012/11/camafeu-de-oxossi.html>. Acessado em 12/2012.